

A arte da encenação

Lucia Becker Carpena



O corego: texto anônimo do século XVII sobre a arte da encenação

Ligiana Costa (org.)

Edusp

280 páginas | R\$ 70,40

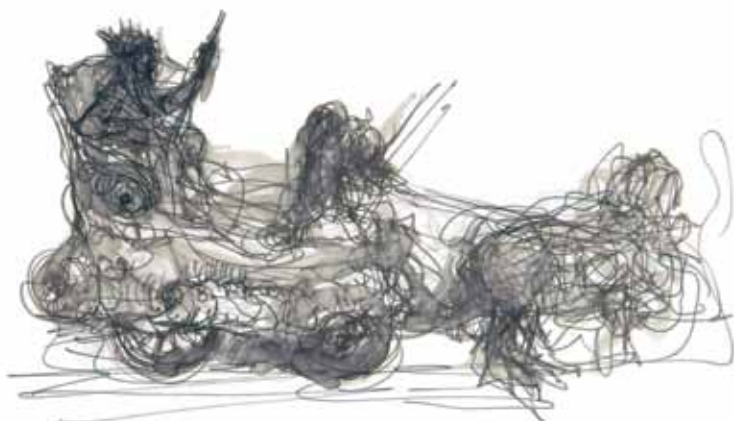
Deparar-se com a edição brasileira de *O corego* traz a sensação de que a pesquisa em música antiga realizada no país encontrou seu rumo, goza de boa saúde e dá sinais cada vez maiores de robustez. Na bela publicação da Edusp, Ligiana Costa nos apresenta sua tradução do mítico tratado anônimo italiano do século XVII sobre a arte da encenação, o que por si só já traz importante contribuição para a literatura em português na área, dado que até hoje existiam apenas a transcrição do manuscrito original em italiano e sua tradução, para o inglês.

Entretanto, a obra organizada por Ligiana vai além, apresenta a tradução do tratado amparada por textos complementares de vários autores brasileiros e estrangeiros, que nos ajudam a entender o ofício do corego, ao mesmo tempo que contextualizam o então recém-inventado gênero de espetáculo cênico-musical, de peças inteiramente cantadas, que se consolidaria pelos séculos seguintes com o nome genérico de ópera. Desse modo temos, entre outros, textos sobre a história de *O corego* (Paolo Fabbri), a poética nos séculos XVI e XVII (Paulo Mugayar Kühl) e a voz do cantor no século XVII (Jean-François Lattarico). Completando a coleção de textos, há a linda série de ilustrações de Georg Rembrandt Gütlich, que cumpre o papel de dar ao leitor uma ideia do que poderiam ser os 43 desenhos citados, porém ausentes, no tratado. O trabalho de Gütlich dá vida e forma ao descrito pelo tratadista anônimo, e é uma pena que algumas das ilustrações tenham



sido prejudicadas pela diagramação ao serem divididas em duas páginas. O cuidado na edição também aparece na encadernação diferenciada, original, com lombada aparente e capa em papel pergamentado que remete ao imaginário dos tratados manuscritos, de cadernos costurados à mão, numa edição primorosa, quase luxuosa para os padrões na área de música.

A publicação organizada pela tradutora de *O corego* é, em sua complexidade e textos complementares, ela mesma, uma metáfora da própria ópera que, desde sua origem, é complexa, multidisciplinar (para usar uma linguagem atual), “uma obra mista e feita com todos os artifícios” (nas palavras do próprio autor do tratado). Na obra, ao explicitar aquilo que o corego deve saber para exercer seu ofício, o autor desconhecido dá instruções precisas sobre o fazer de músicos, pintores, pedreiros, poetas, cantores, arquitetos, compositores, bailarinos e outros tantos profissionais envolvidos com a “arte da encenação”. É impossível não se admirar com a erudição do tratadista e seu implacável senso prático, que sempre torna à importância de se primar pelo decoro e a adequação, evitar o tédio do público e as despesas desnecessárias. Do mesmo modo,





chama a atenção a quase dificuldade do autor em nomear o profissional desse novo gênero de espetáculo, pois ele usa os termos ator, cantor e histrião para denominar “aquele que atua cantando peças dramáticas”. Parece claro que paira uma indefinição quanto a tudo que cercava essa então nova atividade artística, o que é natural, dado que o espetáculo inteiramente cantado estava ainda em suas auroras.

E justamente por tratar de assunto pouco conhecido entre nós e cujo entendimento depende de um conjunto de informações que ainda não fazem parte de nossa formação acadêmica, é que a tradução de *O corego* poderia trazer notas explicativas, falando das escolhas da tradução, esclarecendo passagens nebulosas do tratado. A tradução teria assim sua importância ampliada, podendo servir como referência para futuros trabalhos semelhantes e tão necessários para a área.

É louvável a capacidade de Ligiana Costa de relacionar sua pesquisa de pós-doutoramento, orientada por Mônica Lucas (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA-USP), com textos de professores e pesquisadores brasileiros ligados a instituições como as universidades do Estado do Rio de Janeiro

As imagens que ilustram a primeira tradução para o português, do manuscrito italiano anônimo, foram feitas pelo artista plástico e pesquisador brasileiro George Rembrandt Gütlich

(Uerj), Federal do Paraná (UFPR), Estadual de Campinas (Unicamp), de Taubaté (Unitau) e USP, além de pesquisadores estrangeiros do peso do italiano Paolo Fabbri. Nesse sentido, seria importante breve apresentação dos autores dos capítulos que compõem a bela edição da Edusp, para que o leitor pudesse, ele próprio, ser capaz de vislumbrar a relação que se consolida entre instituições e pesquisadores brasileiros na área de interesse de *O corego*.

Ao mesmo tempo que dá suporte aos temas abordados pelo tratadista anônimo, cada um dos textos revela resultados de pesquisa de seus próprios autores. Temos aí um ciclo virtuoso de produção e compartilhamento de conhecimento, fundamental para o desenvolvimento de qualquer área. Por fim, os textos da orelha (Silvana Scarinci) e da contracapa (Ellen Rosand) ajudam a dimensionar o impacto da publicação de *O corego* em português, especialmente no que se refere ao estudo e à produção de óperas do século XVII no Brasil.

Lucia Becker Carpena é professora de flauta doce nos cursos de graduação e pós-graduação em música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).